

SERRES, Michel. 2004. *Variações sobre o Corpo*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 141 p.

Jonatas Ferreira

Embora vários de seus livros tenham sido traduzidos para o português, três deles pela Bertrand Brasil, as ciências sociais no Brasil têm manifestado interesse moderado na obra de Serres. Eu próprio, tendo adquirido já há alguns anos um ou dois volumes do autor, apenas recentemente tive a motivação para estudá-lo mais sistematicamente. Motivação indireta, diga-se de passagem. Ao escrever recentemente sobre Bruno Latour, deparei-me com Serres. Com alguma frequência, Latour tem reconhecido a importância do empiricismo do autor de *Statues, Hominescências, Notícias do Mundo* no desenvolvimento de alguns de seus temas favoritos. As relações entre as ciências e seus objetos, as relações entre o animado e o inanimado, conceitos importantes como ‘quase-objetos’, o próprio fato de a natureza figurar-lhe como ator, e não apenas algo passivo, são alguns exemplos dessa influência. Acerca deste último aspecto, em livro recentemente traduzido para o português pela EDUSC (*Políticas da Natureza. Como fazer ciência na democracia*), como não ouvir os ecos do *Contrat Naturel* de Michel Serres? Ocorre-me uma passagem do *Contrat Naturel* em que o olhar de Serres se desloca da narrativa homérica acerca das façanhas do jovem Aquiles, em perseguição aos troianos, para se fixar na natureza que num dado momento passa a o ameaçar. As águas de um rio ao transbordar ameaçam a vida do filho de Tétis. O leitor talvez tenha assistido à última produção hollywoodiana a recontar essas façanhas: ‘Tróia’. O que falta miseravelmente ali, se contrastarmos o filme com a *Ilíada*? A voz dos elementos, a voz da natureza, dos deuses olímpicos, como parte integrante da trama humana – obviamente, é preciso frisar, ninguém é obrigado a contar uma estória a partir de minhas necessidades intelectuais, estéticas, ambientalistas, ou de quem quer que seja. A observação, entretanto, permanece: como seria contar a história humana se a natureza fosse entendida como ator dessa história? Essa é uma pergunta que move intelectualmente tanto Serres quanto Latour.

De um modo muito evidente, esse é ainda o foco em *Variações sobre o corpo*. O corpo é ali a unidade primordial da existência humana. A descoberta do que pode o corpo, o que pode e o que é essa existência, no entanto, só é possível se atentarmos para as relações sensuais e elementares que ele estabelece com o mundo natural. É preciso tolerar nas considerações acerca do alpinismo, que costumam boa parte do livro, não tanto a produção de uma metáfora acerca do

processo de hominização – ou do amadurecimento, apogeu do corpo e seu inevitável declínio de nosso corpo – mas uma reflexão, idiossincrática em seu gosto por escaladas, acerca do corpo humano em interação com a natureza, com os elementos. Qual a descoberta primordial, então, que se destaca dessa reflexão acerca de um corpo em interação muito mais ambiental do que social? A sua capacidade de metamorfose.

Assim, a primeira das quatro partes que compõem o ensaio de Serres tem precisamente esse título: ‘Metamorfose’. É essa capacidade flexível, de se adaptar a ambientes vários, de tornar-se macaco, aranha ou peixe, que caracteriza a virada do antropóide que se locomove ainda sobre quatro patas para esse bípede de equilíbrio precário que é o ser humano. A experiência de alpinismo fala dessa capacidade e de um retorno: em sua escalada, o alpinista se torna um ser de quatro patas, um ser menos pensante que agente. A possibilidade de reconfigurar o corpo, de reajustar sua forma de sentir e lidar com o mundo demandada nessa atividade decorre dessa qualidade metamórfica. Para Serres, o cogito pertence a esse corpo como uma decorrência desse desequilíbrio primordial. Privado de um corpo que é ao mesmo tempo abrigo, exposto às intempéries por sua posição vertical, o animal humano terá que se fabricar abrigos, suprir através do artifício, da técnica, a instabilidade de sua nova postura.

Mas se tradicionalmente o pensar está vinculado a uma dissociação dos sentidos, em que um corpo passivo investiga o mundo a partir da distância do olhar, contra tal exercício de distanciamento e objetivação, Serres conclama seu leitor a um exercício reflexivo que parta da solidariedade entre os sentidos, que parta do corpo atlético, do corpo alegre em sua saúde, do corpo em estado de êxtase.

Nada de artificial existia nessa experiência, pois ela aconteceu em momentos em que eu me alimentava pouco, bebia apenas água e toda minha atenção nervosa e muscular era continuamente requisitada para impedir que eu escorregasse: esse êxtase durante períodos ativos em que a dura realidade mobilizava todo o meu corpo (p. 21).

Reflexão significa sempre se desalojar e essa é uma experiência a ser vivida no concreto do corpo. “A encarnação é o ponto culminante do concreto tanto quanto do saber, mesmo o mais abstrato” (33).

O segundo capítulo desse ensaio chama-se ‘Poder’. Também em Nietzsche a valorização de um pensar físico, de um pensar que se funda na saúde do corpo, leva a reflexões acerca do poder. Há algo mesmo do estilo do ‘profeta sem morada’ já na abertura do capítulo.

Nenhum professor que permaneceu sentado à frente de sua mesa ensinou-me o que é trabalho produtivo, o único que vale a pena, enquanto meus professores de ginástica, treinadores e, mais tarde, meus guias, condicionaram meus músculos e ossos. Eles ensinaram o poder do corpo (p. 35).

Bem, de um certo modo o discurso de uma “geração saúde” (na década de 1980 foi bastante popular) nunca perdeu seu encanto. O concreto do corpo é o último refúgio para aqueles que sofrem com a idéia de uma comunidade (utópica ou vivida) perdida, diriam alguns. Serres, com toda razão, trata com cuidado a confluência dos conceitos de corpo e poder. “O que podem os nossos corpos? Quase tudo” (p. 37). Por isso mesmo, eles podem também se perder facilmente diante da “atividade competitiva ignóbil do dinheiro, que cultiva vícios nocivos e espalha o fascismo” (Ibid.). O fascismo, a comodificação do corpo só são possíveis, todavia, diante do endurecimento da potencialidade metamórfica do corpo. A dignidade do corpo individual, seu humano desequilibrar-se, são capturados pela dureza do capital ou do corpo coletivo. O que existe de humano nele, todavia, é que, em sua dignidade, ele não é um corpo da espécie.

Por ser indigno o enrijecimento dessas capacidades metamórficas, e assim todo corpo humano é necessariamente virtual, Serres se pergunta até que ponto a *celebração do corpo* não passa por um convívio necessário com a dor. Entre a analgesia e uma moral fundada na dor, Serres parece oscilar; ambos os extremos produziram rigidez. A dor, portanto, tem uma “dupla face” que destrói possibilidades e cria outras tantas. “O otimismo do exercício e do combate continua verdadeiro, mas reverte-se e rapidamente desaparece quando se justifica o darwinismo social e a exploração dos homens por seus semelhantes” (p. 42). A negociação de aspectos políticos importantes, então, surge com nitidez dessa celebração. Creio que um elemento importante dessa negociação é o estabelecimento paulatino de uma oposição entre um corpo sábio no seu esquecimento de si e uma consciência, uma inteligência arrogante em seu constante esforço por antecipar conseqüências. Ao corpo saudável então pertence uma coragem (e mesmo uma transcendência) de afirmar-se confiante em meio aos elementos, esquecido de si ele age. A consciência só entra em cena se esse corpo padece. Serres prepara, assim, o terreno para aprofundar as tensões dessa polarização. De um lado, temos uma cabeça que “contabiliza”, que atua no mundo mediante “uma aritmética triste e simplista dos prazeres”; de outro, um corpo que, “sem reflexão e sem extensa mediação”, descobre “imediatamente a harmonia e a misericórdia” (p. 49). Necessário comentar de modo breve: a oposição corpo-mente pertence ao logocentrismo, ao pensar triste, e não avança qualitativamente sobre seus impasses e escapadas. Inverter a ordem de prioridades dessa oposição é ainda manter a economia interna que a põe em movimento.

Os tópicos finais desse capítulo já prepararam os termos em que se tratará

do ‘Conhecimento’ no capítulo subsequente. Como é possível conceber um conhecer que pertença diretamente a esse corpo? Serres distingue o tipo de empiricismo que ele advoga do sensorialismo característico da velha tradição de Condillac, La Metrie e tantos outros. O dado fundamental do conhecimento não é a impregnação da mente pelo conjunto de sensações a que estou aberto, a consciência não é o depósito dessas sensações. O elemento fundamental do conhecer é a própria vivência desse corpo virtual, metamórfico e, portanto, capaz de imitar a natureza circundante. O conhecer não é uma faculdade transcendente, mas imanente ao corpo em sua qualidade mimética. Serres procura resgatar, assim, esse conceito que já foi objeto de tanta depreciação a partir de Platão: a *mimesis*. Quais as conseqüências políticas de tornar o conhecimento imanente à experiência corporal? Creio que Serres responde a essa questão quando associa imitação, concorrência e violência:

Se como um pecado original, a violência, companheira da imitação na origem da aprendizagem, continua como uma das últimas e melhores realizações do saber, nós, filhos de Hiroshima, de Seveso e das tentativas de eugenia não podemos nos surpreender. A violência do conhecimento decorre menos de suas relações com o poder, como se acreditava, do que do próprio nascimento do saber (p. 94).

Assim como a imitação passou a ser a base do conhecimento, a técnica precisa ser igualmente explicada pela imitação da natureza. Esse é o propósito do quarto capítulo, ‘Vertigem’. “As mãos emprestam seu formato para a colher; os dedos para o forçado e o garfo” (p. 112). Imitamos e subjetivamos o mundo ao conhecê-lo e o reproduzimos objetivando, “descarregamos” aquilo que aprendemos mediante a produção de aparatos técnicos. Para que nos tornemos plenamente humanos, tanto a capacidade de subjetivar como a de objetivar são necessárias. Serres acredita que a objetivação é aquilo que nos torna criativos e, portanto, propriamente humanos. O conceito de criatividade, entretanto, precisaria ser explicitado com maior cuidado à luz e dentro dos limites definidos pelos conceitos de *mimesis* e metamorfose. Serres nos priva dessa explicação final e, portanto, deixa em aberto o entendimento desse conceito usualmente associado à idéia de transcendência.

Em sua totalidade, a meu ver, trata-se de um livro consistente em seu argumento e que propõe questões que devem ser discutidas por aqueles que no terreno das ciências sociais se interessam por um tema ainda atual. Precisamente agora quando alguns falam do fim, ou da obsolescência do corpo, Serres, na tradição de pensadores como Nietzsche ou Merleau-Ponty, procura resgatar-lhe a dignidade. Seu livro merece ser lido e debatido.